



doi: 10.20396/rfe.v13i2.8657678

Cenas de um casamento: das lentes de Bergman à interpretação de Freud e Marcuse.

Scenes from a marriage: lenses from Bergman to interpretations Freud and Marcuse.

*Jonas Rangel Almeida¹
Karina Cássia Oliveira Reis²*

Resumo

Nosso objetivo neste artigo é discutir as tensões vividas nas relações amorosas na sociedade moderna. Durante todo o percurso, nossa atenção estará direcionada ao filme *Cenas de um casamento* (1973), de Ingmar Bergman, que retrata o casamento e a vida privada de Johan e Marianne – como o ideal burguês de realização individual e felicidade, porém, desmitificado em seus ritualismos, revelando uma instituição em crise, cheia de contradições e opaca por natureza. Com isso articula-se um diálogo com o pensamento de Sigmund Freud que norteia a discussão, mostrando que a natureza secreta do vínculo afetivo, bem como, torna-se fonte de sofrimento para o sujeito. E depois, com as proposições do sociólogo Hebert Marcuse para quem o inconsciente aparece portador de potencialidades emancipatórias da sexualidade. Conclui-se que somente uma ética que abdique da posse sobre o outro é capaz de enfrentar o desafio doloroso da ruptura de vínculos.

Palavras-chave: Cenas de um casamento Sueco. Amor romântico. Dimensão erótica.

Abstract

Our aim in this article is to discuss the tensions experienced in love relationships in modern society. Throughout the course, our attention will be directed to the film *Scenes from a marriage* (1973), by Ingmar Bergman, which portrays the marriage and the private life of Johan and Marianne - as the bourgeois ideal of individual fulfillment and happiness, however, demystified in its rituals, revealing an institution in crisis, full of contradictions and opaque in nature. This articulates a dialogue with the thinking of Sigmund Freud that guides the discussion, showing that the secret nature of the affective bond, as well as, becomes a source of suffering for the subject. And then, with the propositions of the sociologist Hebert Marcuse for whom the unconscious appears as having emancipatory potentialities of sexuality. It is concluded that only an ethics that

¹ Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, UNESP campus de Marília.

² Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, Unesp campus de Marília.

relinquishes ownership over the other is able to face the painful challenge of breaking bonds.

Keywords: *Scenes from a marriage. Romantic love. Erotic dimension.*

Introdução

*Se as pessoas não fossem do
mais uma posse, também não
poderiam mais ser trocadas.*

T. W. Adorno.

Neste artigo, temos por objetivo discutir as tensões vividas nas relações amorosas na sociedade moderna a partir do filme *Cenas de um casamento*, do diretor e produtor sueco, Ingmar Bergman e das contribuições do psiquiatra e criador da psicanálise, Sigmund Freud; e do sociólogo e filósofo Herbert Marcuse. Uma questão norteadora que fora proposta por Freud e que abordaremos com mais acuidade no decorrer do texto é: Por que os afetos em geral e as relações amorosas, em particular são fonte de sofrimento? Sendo, a hipótese principal, que: as relações amorosas são geridas pela forma da economia-política. Ademais, o capitalismo disciplina os nossos corpos em prol de nos tornar úteis e dóceis ao trabalho; e também, gerencia nossos desejos e administra nossos prazeres. Para tanto, este artigo em forma de ensaio estará disposto da seguinte forma, a saber: “O casamento de Johan e Marianne”. “Amor romântico. Freud e a vida subterrânea”. “O casamento de Johan e Marianne”. “O divórcio de Johan e Marianne”. “A dimensão erótica subjugada”.

O casamento de Johan e Marianne.

Em *Cenas de um casamento* (1973) uma série com seis episódios transmitidos pela TV, Ingmar Bergman procura mostrar a história da vida

privada do casal Johan e Marianne. Enganam-se àqueles que pensam que Bergman focaliza a vivência tranquila e harmoniosa baseada no ideal de amor romântico. Ao contrário, a trama está completamente emaranhada de contradições, tensões e segredos. No fundo, desenha-se a ideia de que o casamento é uma instituição permanentemente em crise. Mas, que crise seria esta?

Johan é médico, trabalha como professor assistente na faculdade de psicotecnologia. Sua esposa Marianne é advogada e, tal como o pai, atua na área de direito familiar. A cena inicial do filme é uma clássica fotografia da família nuclear burguesa, com o marido, a esposa e suas duas filhas. Ao que tudo indica eles são casados há dez anos e vivem uma vida feliz, cercada de parentes e amigos. Um detalhe é que o casal tem duas filhas - Karin e Eva- que só aparecem, efetivamente, na cena inicial e, depois, desaparecem. Portanto, não interessa à instituição familiar em si, mas à relação amorosa do casal, da vivência íntima, dos afetos perturbadores. A questão de Bergman é fazer uma autópsia da vida privada do casal enquanto par amoroso, focalizando a vivência íntima.

Destacamos a seguir, alguns fragmentos de fala das personagens, subdivididos em três segmentos analíticos: **contradições; tensões e segredos:**

Contradições: nas cenas iniciais, Johan e Marianne respondem a uma entrevista que seria publicada em revista como exemplo de um casamento bem sucedido. Johan não hesita em dizer,

[...] pode parecer pretencioso se eu descrever a mim próprio como extremamente inteligente, bem sucedido, jovial, equilibrado, sensual. Um homem com consciência universal, culto, letrado, boa companhia [...] (BERGMAN, 1975, p.12).

Sem perder o fôlego, continua Johan “[...] não tenho dívidas e pago os meus impostos em dia. Respeito o nosso governo independente dos caminhos para onde ele vai, e adoro nossa corte [...]” (BERGMAN, 1975, p.12). Mas,

de maneira distinta a Johan, Marianne diz ³“[...] sou casada com Johan e temos duas filhas” (BERGMAN, 1975, p.12), o que nos dá a impressão inicial de que ela está bloqueada e, a princípio, não pode falar sobre si mesma. Logo em seguida, Marianne volta à atenção novamente ao Johan dizendo

[...] ele é muito bom; somos casados há dez anos; e eu sou feliz assim entende; nossas necessidades materiais estão satisfeitas, nos damos bem com nossos amigos e parentes. Temos bons empregos, dos quais gostamos. Temos boa saúde (BERGMAN, 1975, p. 14).

E, completa Johan: “[...] e assim por diante, num grau quase indecente. Segurança, disciplina, conforto e lealdade. Dá até para desconfiar”. (BERGMAN, 1975, p.14).

Tensões: Marianne diz “[...] temos as nossas discórdias [...] Mas nas coisas mais importantes estamos de acordo [...] É difícil Johan ficar zangado. Por isso, eu desisto [...]” (BERGMAN, 1975, p.14-15). No entanto, deixa subitamente escapar que a própria falta de problemas pode provocar brigas. Após essa conversa, Marianne sai para ver como estão suas filhas. A jornalista espia pela porta do quarto observando o contraste com a arrumação da sala, pois no quarto pode-se notar as roupas pelo chão e muita bagunça. Bergman parece querer transmitir aquele velho ditado, *quando chegam a visitas, empurra-se a sujeira para debaixo dos tapetes*. O marido também esboça suas queixas dizendo “Sabemos dos perigos ... o mundo está uma loucura e eu prefiro ficar atento, me dedico a buscar apenas o melhor. Fico enojado quando ouço sobre a panacéia mais recente”. (BERGMAN, 1973, s/p). Essa panaceia

³ É importante ressaltar que as citações e/ou atos de falas dos personagens (Marianne e Johan) que perpassam neste ensaio, foram retirados do seguinte arquivo, a saber: CENAS de um casamento . Cineasta/diretor Ingmar Bergman. Produtor: Björn Thulin. Suécia, SWE: Versátil Home Vídeo, 1973. 2 discos *dvd* (299 min). Contudo, disponibilizamos na seção bibliográfica, o *script*, em formato de livro, de Ingmar Bergman intitulado *Cenas de um casamento*, publicado em 1975, editora Nórdica.

vai se revelar ao longo da série como o movimento de emancipação das mulheres, ou, movimento feminista, inclusive no auge na década de 1970, na Europa. Johan parece se ressentir com as novas possibilidades das de emancipação política e econômica das mulheres e isso ficará ainda mais evidente conforme ele declina sua própria masculinidade. Por outro lado, o tédio, a acomodação e a submissão de Marianne denotam uma relação frágil.

Segredos: a última cena do episódio é um jantar com um casal de amigos Katarina e Peter. Neles os protagonistas presenciam uma briga de seus amigos que parecem terminar com a decisão de separação. Isso faz Marianne refletir sobre sua relação com Johan. Para a esposa é como se Katarina e Peter não falassem a mesma língua e, nesse ponto, ela está convicta que esse é um elemento que favorece para que sua relação com Johan se mantenha. Já Johan é materialista, entende que sua relação com Marianne se mantém, pois, sua condição material permite, uma vez que se fossem operários e trabalhassem exaustivamente, dificilmente conseguiriam manter harmonia. Na cama eles continuam a discussão, e desta vez, Marianne lhe conta uma novidade – está grávida. Eles conversam sobre um aborto. Johan se omitiu da decisão. Marianne, ainda, questiona-o dizendo que: as outras gestações eram motivos de alegria para Johan. Desta vez não, ele preferiu o silêncio. E o aborto aconteceu. Mas, nesse instante, é possível perceber que existe uma fissura, talvez, um segredo entre o casal. Isso abre as portas de uma crise que levará o casamento à ruína.

Amor romântico

Segundo Giddens (1993, p. 9) durante as últimas décadas, ocorreu uma revolução sexual. As reivindicações dos movimentos das mulheres, dos movimentos dos gays, das demandas étnicas, das chamadas minorias em torno de direitos no Estado democrático têm modificado os fundamentos da sociedade. Nesse sentido, esperanças revolucionárias têm conduzido à

reflexão de que a transformação da intimidade representa um reino potencial da liberdade, não maculado pelos limites da civilização atual.

Giddens (1993) ressalta que a ascensão do amor romântico nos permitia compreender as origens do relacionamento puro que prepondera com amplas possibilidades em nossa contemporaneidade na forma de intimidade. A emergência do ideal de amor romântico, historicamente, afetou sobremaneira as aspirações das mulheres e, em menor grau, o dos homens. De um lado, o *ethos* do amor romântico ajudou a manter a mulher na função de sacerdotisa do lar, de outro, corroborou, ativamente, com o machismo da sociedade moderna.

Podemos perceber isso no caso de Marianne. Durante a primeira cena é possível ver em várias ocasiões os esforços dela em cuidar dos afazeres domésticos. Vemos Johan demonstrar uma terrível tranquilidade ao deixar as louças do jantar sobre a mesa para Marianne recolher. Ele está muito confortável. A tradição e a moral da família lhe servem de manto. E Marianne o que pode fazer? Ela deve cumprir seus deveres de dona do lar. O amor romântico pressupunha a possibilidade de um vínculo emocional duradouro, cujas bases estavam nas qualidades intrínsecas do próprio vínculo. Por isso permanecer na relação.

De acordo com Giddens (1993, p. 49) na Europa pré-moderna, a maior parte dos casamentos eram contraídos, não sobre o alicerce da atração sexual mútua, mas o da situação econômica. Entre os pobres, o casamento era um meio de organizar o trabalho agrário. O amor romântico que começou a marcar presença a partir do final do século XVIII utilizou tais ideais e incorporou elementos de *amour passion*, embora se tenha tornado distinto deste. O amor romântico introduziu a ideia de uma narrativa para a vida individual. O amor associado à ideia de liberdade tornou-se um estado normativamente desejável. Os ideais do amor romântico inserem-se rapidamente nos laços emergentes entre liberdade e autorrealização.

O surgimento da ideia de amor romântico tem de ser compreendido em relação a vários conjuntos e influências que afetaram as mulheres a partir do século XVIII. Giddens (1993) lista os seguintes fatores: o primeiro deles foi

sem dúvida a criação do lar. Cada móvel, louça, porta retrato da casa de Marianne está, detalhadamente, preparado para gerar a ambiência de uma família cercada de convivência harmoniosa. O segundo, foi na modificação das relações entre pais e filhos. E o terceiro, a invenção da maternidade. A missão de cuidar da casa e criar os filhos. No que dizia respeito à situação das mulheres, todos eles estavam intimamente ligados. O domínio do homem sobre a família que, na realidade era abrangente quando ele ainda era o centro do sistema de produção, ficou enfraquecido com a separação entre o lar e o local de trabalho. E no decorrer do filme isso fica cada vez mais claro com o distanciamento de Johan das filhas.

Com os papéis sociais definidos de marido e esposa, o homem torna-se uma espécie de delegado do lar. Diz Giddens (1993, p. 54):

[...] o homem exerce domínio sobre a pessoa e a conduta de sua esposa. Ela exerce o domínio sobre as inclinações do marido; ele governa pela lei; ela governa pela persuasão... O império da mulher é um império de suavidade... suas ordens são as carícias, suas ameaças, as lágrimas.

Essa formulação reflete muito claramente os padrões sociais que preponderavam nas relações afetivas. Contudo, segundo Giddens (1993) o controle sexual dos homens sobre as mulheres, por meio, do padrão duplo já não pode ser mais sustentado devido as recentes conquistas de direitos dos movimentos feministas, ou, em termos de consciência moral como sugere Taylor (2005). O padrão duplo baseado em uma caracterização binário da natureza das mulheres que dividem elas entre “[...] as virtuosas e as perdidas, e as mulheres perdidas só existiam à margem da sociedade respeitável”. (GIDDENS, 1993, p.16).

Apesar de não ser veiculado em *Cenas de um casamento*, não podemos deixar de mencionar o modo como Johan se apaixona de Paula, uma mulher mais nova que Marianne. Portanto, o segredo guardado por Johan na sua omissão, na discussão da cena inicial é um caso de envolvimento sexual e afetivo com outra mulher. Johan havia estado com Paula recentemente em

uma viagem. Mas, a situação se estreita, pois, Johan está apaixonado por Paula.

Na nossa sociedade, a sexualidade plástica corresponderia à sexualidade liberada da exigência de reprodução. Essa transformação abre o espaço para a reivindicação de prazer sexual às mulheres. Para Giddens (1993) nossa sociedade começou a desvincular sexo da sexualidade no início do século XVIII com a limitação da dimensão da família (a famosa família nuclear), e chegou à consolidação efetiva com os desdobramentos das modernas técnicas médicas, com a difusão da contracepção moderna e com as novas tecnologias reprodutivas. Segundo Giddens (1993, p. 10) a sexualidade plástica pode ser caracterizada como um traço da personalidade vinculada ao eu. Ao mesmo tempo, em princípio, liberta a sexualidade da regra do *falo*, da importância *jactanciosa* da experiência sexual masculina. Para Giddens (1993, p.25) “[...] a sexualidade funciona como um aspecto maleável do eu, um ponto de conexão primário entre o corpo, a autoidentidade e as normas sociais”.

Taylor (2005) seguindo a tradição da antropologia filosófica entende que o longo desenvolvimento da consciência moderna dos homens nos levou à ideia de falar sobre direitos humanos universais, naturais, vinculando o respeito pela vida e integridade humana à noção de autonomia. Nesse nível é preciso conceber as pessoas como colaboradores ativos no estabelecimento e garantia do respeito que lhes é devido. E isso exprime uma característica central de nossa perspectiva moral ocidental moderna

A autonomia é agora central a isso. Para Taylor (2005), respeitar a personalidade envolve como elemento respeitar a autonomia moral da pessoa. Com o desenvolvimento da noção pós-romântica de diferença individual, amplia-se a exigência de darmos às pessoas a liberdade de desenvolver sua personalidade à sua própria maneira. Segundo Giddens (1993) durante muito tempo o casamento foi visto como ideal desejável, porém a sociedade contemporânea passou a desenhar novas configurações para as relações amorosas. Nesse âmbito, Giddens (1993) não deixa de corroborar com a ideia de Taylor (2005) em relação ao desenvolvimento cultural de relações com espaço nas quais as possibilidades de cada um poderiam florescer, justamente

pela crença no seu potencial liberador do desenvolvimento da autonomia individual. Para Taylor (2005) num movimento amplo da cultura, vemos surgir novas ideias e entendimentos do que é bem viver; que, por exemplo, no século XIX é a família amorosa e íntima.

Para Taylor (2005, p. 396) em uma cultura individualista são valorizados três sentidos para a construção da identidade: primeiro, valoriza a autonomia; segundo, atribui um papel importante à auto-exploração; terceiro, ela possui uma visão de que viver bem implica envolvimento pessoal. Essa cultura atribui importância ao trabalho produtivo e, também, à família que é idealmente uma comunidade fechada, baseada no amor, em que os membros encontram uma parte significativa de sua realização humana. Ao conversar com o cinematografista, Johan diz gostar de ouvir *La passion selon Saint Matthieu*, de Bach, traz-lhe uma sensação de harmonia.

Segundo Taylor (2005, p. 70) para entender minimamente nossa vida, para ter uma identidade, é necessário uma orientação para o bem – o que significa em algum sentido operar a partir de padrões fixada a uma discriminação qualitativa do incomparavelmente superior do inferior. Esse sentido do bem tem que ser incorporado como uma história em andamento. Isso é afirmar uma condição básica do processo de encontrar sentido em nós mesmos, de compreender nossa vida numa narrativa.

A cena apresentada no início deste texto colabora perfeitamente com as teses ressaltadas por Giddens (1993) e Taylor (2005). Johan e Marianne vivem, aparentemente, uma união estável e desejável. Ambos estão plenamente satisfeitos com suas carreiras e escolhas de vida. Marianne ao ser questionada sobre o que seria a tal felicidade diz à jornalista que: esta não significava nada mais do que contentamento e, no trabalho, percebe que muitas mulheres sofrem pois vivem um ideal de felicidade irrealizável. Continua, “[n]o trabalho vejo mulheres que desabafam sobre o peso emocional de exigências quase fantasiosas, acho isso primitivo”. (BERGMAN, 1973, s/p) A vida privada de Johan e Marianne, tanto no sentido da vivência do casal, quanto, do conflito existencial em torno da identidade, descrevem as conexões que os autores levantaram: do amor

romântico; de uma sociedade que está adotando novos padrões na economia-política das relações amorosas; da dimensão erótica como a da construção da autoidentidade do eu.

Buscamos demonstrar, até o momento, como a relação amorosa se constitui na modernidade uma instância de formação da identidade dos indivíduos. O que está em jogo é uma economia dos prazeres. Mas, qual seria a natureza íntima do vínculo que une um casal como Johan e Marianne? Antes, porém, é necessário voltar à atenção as pistas deixadas por Freud.

Freud e a vida subterrânea.

Segundo Giddens (1993), Sigmund Freud revelou as conexões entre a sexualidade e a autoidentidade quando elas eram ainda inteiramente obscuras, e ao mesmo tempo, mostrou como essas conexões são problemáticas. Freud chocou sua época ao afirmar categoricamente que as crianças já nasciam com instintos sexuais e os pais eram os objetos desses instintos. Em *O mal-estar na cultura*, Freud (2010) nos oferece a partir do campo de referência da psicanálise inúmeras pistas para investigar a natureza do vínculo erótico entre os indivíduos. A principal hipótese é que: o preço que pagamos pela civilização é a subjugação dos instintos. O preço é o mal estar. É o sentimento de culpa.

Em geral, na psicanálise freudiana a dinâmica da vida psíquica é concebida como o resultado da interação de três instâncias em relação recíproca: O *id*, o *ego* e o *superego*. O *id* constitui a dimensão, tipicamente, incôscia em cujo âmbito são elaboradas as primeiras formulações fantasmáticas do instinto. O *id* é movido pelo princípio do prazer, ele recobre o estado incessante de tensão determinado pelas pulsões de vida e morte. Já o *ego* representa a instância que está em contato direto com o mundo externo, mas, não apenas, ele dispõe, de um lado, a percepção consciente; e de outro, está aberto às influências pulsionais do *id*. Entre a realidade externa e o *id*, o *ego* insere, entre os desejos instituídos e a sua satisfação, peculiares mecanismos de defesa – projeção, transferência, recalque, etc. Enquanto o *id* se mantém irrefreável, o *ego*, ao

contrário, ficará atento a qualquer sinal de perigo, sendo tomado pela angústia. Por fim, temos o superego que constitui a instância de ordem moral incôscia, representa o código moral, a lei e a censura. O superego provoca punições independentes da moral consciente, ele se forma por meio da identificação da criança com a imagem dos pais. O superego que exprime as censuras interiorizadas, as atitudes educativas dos pais, dos educadores, trazendo consigo o sentimento de culpa ao sujeito.

De acordo com Freud (2010) o ego pode aparecer como algo autônomo e unitário distintamente demarcado, normalmente, do adulto neurótico. Ele mantém linhas de demarcação bem claras e nítidas com o mundo exterior. Porém, há um estado, indiscutivelmente, fora do comum, a exemplo da paixão, que embora não possa ser estigmatizado como patológico, o ego não se apresenta distinto do mundo externo. Segundo Freud (2010) no auge do sentimento de amor a fronteira entre o sujeito e objeto ameaça desaparecer. Contra todas as provas de seus sentidos, um homem que se ache enamorado declara que ‘eu’ e ‘tu’ são um só, e está preparado para se conduzir como se isso constituísse um fato.

Segundo Freud (2010) o sentimento do ego do adulto não pode ter sido o mesmo desde o seu início. Para uma criança recém-nascida não é possível distinguir claramente o seu ego do mundo externo, como fonte das sensações que fluem sobre ela. Ela aprende gradativamente a fazê-lo, reagindo a diversos estímulos de prazer e desprazer, isto é, para o reconhecimento de um exterior, de um mundo externo proporcionado pelas frequentes, múltiplas e inevitáveis sensações de sofrimento e desprazer, cujo afastamento e fuga são impostos pelo princípio do prazer, no exercício de seu irrestrito domínio. Para Freud (2010) surge, então, uma tendência a isolar do ego tudo que pode tornar-se fonte de tal desprazer; lançá-lo para fora e criar um puro ego em busca de prazer, que sofre o confronto de um exterior estranho e ameaçador, um ideal de ego alimentado pela libido narcísica. Assim, ocorre um processo através do qual as próprias atividades sensórias passam a se diferenciar entre o que é interno, ou seja, o que pertence ao ego e o que é externo, ou, que emana do mundo externo. O princípio da realidade passa então a dominar o

desenvolvimento futuro do organismo. Essa diferenciação, naturalmente, serve à finalidade prática de capacitar o ego para se defender contra sensações de desprazer, ou, pelas quais é ameaçado.

Segundo Marcuse (1968, p. 48) o ego tem a tarefa de representar o mundo externo para o id, de protegê-lo, pois o id, lutando cegamente pela gratificação de seus instintos, com desprezo pela força superior da realidade exterior, não poderia de outro modo evitar o aniquilamento. Sua missão principal é coordenar, alterar, organizar e controlar os impulsos instintivos do id de modo a reduzir ao mínimo os conflitos com a realidade; reprimir os impulsos que sejam incompatíveis com a realidade; reconciliar outros com a realidade, mudando o seu objeto, retardando ou desviando a sua gratificação, transformando o seu modo de gratificação, amalgamando-os com outros impulsos, etc.

No amor é comum possuímos um ego ideal que faz com que sujeito se confunda com o próprio objeto que, por sua vez, alimenta-se da própria libido narcísica. O indivíduo apaixonado percebe as sensações, mas não sabe que são seus próprios órgãos. Quando começa a perceber o mundo exterior, seja, pelas limitações que a vida impõe sobre o amor, o princípio da realidade vem para frustrar o desejo e impedir que se perca no objeto idealizado. Para Freud (2010), assim como o sentimento religioso, da ideia de Deus, as idealizações, o Estado, a obediência às leis e o amor não podem ser nada além de projeções com forte conteúdo ideacional, emanações daquela libido infantil que move o sujeito em busca de prazer, segurança e felicidade. O princípio básico de funcionamento da mente é o princípio de prazer. Porém, a realidade externa apresenta características da frustração do prazer. É o princípio da realidade.

O divórcio de Johan e Marianne.

A novela *Cenas de um casamento* é demasiadamente longa para explorarmos exaustivamente todas as cenas. Não há fôlego para tal! Por isso, optamos por recortar o diálogo que aparece durante o quinto episódio intitulado: “Os analfabetos” – em que fora retratada paixão de Johan por

Paula. Johan dá a seguinte notícia para a esposa: de que havia se apaixonado e viajaria com Paula por oito meses, sendo assim, o casamento estava acabado. Desolada, Marianne implora para que Johan fique, volte. Ela vai passar pelo vale de lágrimas, no entanto, sairá mais livre e independente. O tempo cura todos os males, inclusive da ausência do outro, mas, o vínculo secreto que anima a relação erótica ainda permanece vivo e atuante em ambos. Os laços que os unem são indissolúveis. Isso dificultará o divórcio. Mesmo depois de divorciados e, cada qual vivendo com um parceiro diferente, eles mantêm a relação pelo resto de suas vidas.

Na cena a seguir, fica evidente a vinculação íntima que une o casal: Marianne entra na sala de Johan, os papéis do divórcio estão sobre a mesa. Marianne parece feliz, ao contrário de Johan que está gripado e com um comportamento receoso. Uma garrafa de conhaque é sugestiva para aliviar a tensão do momento; eles passaram a tomar um drink e conversar sentados no sofá.

Marianne diz: “[à]s vezes julgo que você e eu temos sido como duas crianças de família, mimadas e favorecidas, que desbarataram seus recursos e, de repente, se encontram pobres, amargas, zangadas [...]” (BERGMAN, 1975, p. 116). Johan também pondera dizendo:

[v]ou falar-lhe de uma coisa banal. Nós somos sentimentalmente analfabetos. [...] aprendemos tudo sobre o corpo humano e sobre a agricultura em Pretória e sobre a raiz quadrada de pi ou raios que o parta em nome isso tem, mas não aprendemos uma palavra sobre a alma. Nós somos um zero, terrivelmente incompetentes, tanto sobre nós próprios como sobre os outros. [...] estamos perdidos, incapazes, e cheios de má consciência [...] Como é que vamos compreender os outros se nós nada sabemos a respeito de nós mesmos. (BERGMAN, 1975, p.116).

Sentados juntos, discutem sobre os papéis do divórcio, entre um gole e outro de conhaque acabam no carpete transando. Porém ao aliviar a tensão,

ao abrandar a atração erótica eles passam a serem movidos pela agressividade, pelo desprezo, pela magoa um do outro.

Johan se sente frustrado com seu trabalho na universidade, deixado de lado, diz: “[...] vou fazer quarenta e cinco anos este verão [m]as visto objetivamente, já sou um cadáver. [...] Sou considerado como uma unidade cara e improdutiva, que por justiça devia ser racionalizada e, portanto, desmontada [...]”. (BERGMAN, 1975, p.118). Após apresentar seu vale particular de lamentações, Johan é ridicularizado por Marianne que utiliza-se disso para demonstrar todo seu desprezo. Ela começa dizendo como toda aquela situação era engraçada.

[q]uando eu vinha para aqui, hoje à noite, me ocorreu de repente a ideia de que devia fazer amor com você só para saber se ainda sentia alguma coisa. Não senti nada a não ser um pouco de boa amizade. Quer saber o que eu acho Johan? Eu estou ficando livre de você. Levou muito tempo e me causou um sofrimento insuportável. Mas agora estou [...] livre [...] (BERGMAN, 1975, p.118-119)

Ela é levada ao êxtase da liberação da agressividade, escoada toda sobre Johan, por sua vez, este também destila toda sua ira sobre Marianne:

[p]uta merda, como eu a odeio realmente. Me recordo que pensava nisso bastante vezes. [...] Em especial quando fazíamos amor e eu sentia a sua indiferença e distração. E, depois, íamos para o banheiro e você ficava lá nua, sentada no bidê, e se lavava, lavando aquela coisa horrível que você tinha recebido de mim e cujo cheiro você achava horroroso. Nessa altura, eu pensava: Eu a odeio, odeio o seu corpo, seus movimentos [...] (BERGMAN, 1975, p.120).

Marianne que já estava num relacionamento com outro homem o qual julga ser mais vigoroso que Johan também confessa que sofria de incomodo similar: “[...] eu estava tão angustiada quanto você. [...] nos tranquilizávamos, pensando que o ato sexual em si era apenas um complemento [...] Que

desilusão, Johan. Nada podia estar bem se nós não podíamos mais fazer amor um com o outro [...]” (BERGMAN, 1975, p. 121).

Johan arrependido decide contar a Marianne que desistiu do divórcio e quer voltar para casa. Em termos psicanalíticos, o medo infantil da perda do seio da mãe o ameaça, ele regride ao estado infantil. No entanto, Marianne reverte o próprio discurso contra Johan, e menciona que nos primeiros dias seriam flores, mas, depois voltaria como antes, os velhos padrões, os mesmos hábitos e a mesma agressividade. Não passaria de boas intenções facilmente esquecidas. Afinal, era Johan que havia dito primeiro sobre o retorno das velhas manias. Paula ficou muito surpresa ao ouvir uma resposta de Johan após provocá-lo dizendo que tinha passado a desfrutar de uma vida sexual mais satisfatória com seu amante atual. Johan que diz que tal situação só duraria até que eles se casassem, pois, as manias de Marianne estavam somente latentes, os hábitos incrustados de chantagem emocional, os jogos sexuais, voltariam como no seu casamento.

Após essa discussão o casal parece chegar à calma. Marianne tem esperanças que Johan se liberte também e que um dia eles possam ser bons amigos. A mulher espera com isso que ambos possam descobrir quem são realmente. Remover as máscaras que eles construíram para si desde a mais tenra infância. Espera possuir uma vida livre dos papéis sociais que foi designada a cada um. Mas, Johan movido pela agressividade latente termina espancando Marianne. Interessante, Johan que durante toda série sempre havia se mostrado tão racional, frio, agora troca de lugar com Marianne que era tida como a passional. Após essa cena de covardia, Johan decide assinar os papéis, eles finalmente estão divorciados.

A dimensão erótica subjugada.

Neste tópico, iremos explorar algumas ideias do filósofo alemão Hebert Marcuse. É preciso dizer que o pensamento desse autor é muito amplo, suas publicações excedem os limites deste ensaio, logo, apostamos aqui apenas em realizar uma interpretação possível, não exaustiva e sem pretensões de

totalidade. O que segue é um recorte do seu pensamento. Nosso objetivo é pensar as relações amorosas e afetivas.

Eros e Civilização é um ensaio filosófico escrito por Marcuse, publicado em 1968, e considerado polêmico por inúmeros motivos, principalmente, porque ele propõe uma interpretação filosófica do pensamento de Freud estabelecendo um diagnóstico de transformação dos horizontes estéticos e eróticos da sexualidade. Escreve Marcuse (1968, p.22): “[...] hoje, a luta pela vida, a luta por Eros, é a luta política”. Os embates contemporâneos para o filósofo possuem a característica de colocar no centro dos acontecimentos a luta política da vida contra o poder da maquinaria capitalista, da sedução da sociedade do consumo, pois, a energia erótica dos instintos de vida não pode ser liberada sob as condições desumanizantes da afluência lucrativa.

Inicialmente, Marcuse (1968) recupera a teoria de Freud mostrando que as categorias psicológicas – a *metapsicologia* – converteram-se em categorias políticas. Ao mesmo tempo, não abandona a perspectiva dialética dizendo que a perturbação do particular reflete mais diretamente do que antes à perturbação do todo. O sacrifício metódico da libido, isto é, a sujeição rigidamente imposta às atividades e expressões úteis a cultura mostra claramente que a civilização se baseia na subjugação dos instintos. Marcuse (1968, p. 35) menciona que:

[a] adaptação do prazer ao princípio da realidade implica a subjugação e diversão da força destrutiva da gratificação instintiva, de sua incompatibilidade com as normas e relações estabelecidas da sociedade e, por conseguinte, implica a transubstanciação do próprio prazer [...].

Com base nisto, segundo Marcuse (1968, p.36) a substituição do princípio do prazer pelo da realidade é o grande acontecimento traumático no desenvolvimento do homem – traumático no desenvolvimento, tanto do gênero (filogênese), quanto do indivíduo (ontogênese). A metapsicologia – gênese do indivíduo e do gênero humano – de Freud é uma tentativa renovada de desvendar e investigar a terrível necessidade da vinculação íntima entre

civilização e barbarismo, de progresso e sofrimento, liberdade e infelicidade – uma vinculação que se revela, fundamentalmente, como uma relação entre *Eros* e *Thánatos*.

Segundo Marcuse (1968, p.38), Freud discute a cultura não de um ponto de vista romântico ou utópico, mas com base no sofrimento e miséria que sua implementação acarreta. Assim, a liberdade cultural surge-nos à luz da escravidão e o progresso cultural à luz da coação. Nesse nível, o acontecimento dominante e terrível é a descoberta da fundamental tendência regressiva, ou, conservadora em toda vida instintiva. Na concepção freudiana, a cultura não põe termo de uma vez por todas a um estado natural, o instinto continua a existir naturalizado. É “[...] o retorno do reprimido [...]” (MARCUSE, 1968, p.36), ou, a história proibida e subterrânea da civilização. Assim, Marcuse (1968, p. 37) afirma que “[...] a luta contra a liberdade reproduz-se na psique do homem como auto- repressão do indivíduo reprimido, e sua autorepressão apóia, por seu turno, os senhores e instituições” (MARCUSE, 1968, p.37).

Dessa natureza comum da vida instintiva se desenvolveram dois instintos antagônicos. Existe uma luta primordial da existência no qual o princípio de prazer e o princípio da realidade são eternamente antagônicos. Uma luta travada na própria estrutura da personalidade do indivíduo. Se de um lado, a mais profunda e mais antiga camada da personalidade é o impulso para as gratificações integrais, que é ausência de necessidades ou carências vitais de repressão, de outro, o instinto de morte é destrutivo não pelo mero interesse, mas pelo alívio das tensões, pois, os processos primários do aparelho mental em sua luta pela gratificação integral, parecem estar fatalmente vinculados ao esforços superlativamente universal de toda a substância viva de regressar à imobilidade, à quietude do mundo inorgânico, o nirvana. Os instintos vitais (*Eros*) ganham ascendência sobre os instintos de morte (*Thánatos*). Os impulsos de vida contrariam e retardam a descida para a morte que é o caminho inevitável para todo organismo vivo.

O objetivo de Marcuse (1968, p.38) é mostrar a tendência oculta da psicanálise. Com efeito, o autor retoma a ideia freudiana de aparelho anímico,

mostrando que a função terapêutica da memória deriva do seu valor de verdade. Com mencionadas no tópico sobre Freud, as camadas elementares da estrutura mental são designadas como id, ego e superego. Assim “[...] à medida que a cognição cede lugar a reconhecimento, as imagens e os impulsos proibidos da infância começam a contar à verdade que a razão nega”. (MARCUSE, 1968, p.39). Segundo Freud (*apud* MARCUSE, 1968, p. 48) todo o pensamento é “[...] meramente um desvio da memória da gratificação para chegar à idêntica *catexe* da mesma memória a qual será atingida, mais uma vez, pela via das experiências motoras”. O passado continua a reclamar o futuro gerando o desejo que o paraíso – as sensações da primeira infância – seja recriado conservando as promessas e potencialidades que são traídas e até proscritas. Desse modo, a tendência oculta da psicanálise deriva de dois níveis: a) **Ontogênético**: evolução do indivíduo reprimido; e b) **Filogenético**: evolução da civilização repressora. A primeira se dá no desenvolvimento da individualidade, na infância, sob os cuidados dos pais e sobre a arguição e juízo dos educadores; e a segunda, no nível subterrâneo da mente na qual se repete o acontecimento traumático do assassinato do pai primordial e da vida na horda primitiva.

Na interpretação de Giddens (1993, p. 181) a libido é resgatada na obra de Marcuse (1968), mas, o instinto de morte é mantido como uma advertência cautelosa dos limites do puro prazer. Assim, para Marcuse (1968) toda civilização presume uma repressão básica dos caminhos da vida e da morte, mas na sociedade moderna as exigências da disciplina econômica introduzem uma carga de repressão histórica e dispensável. Menciona o sociólogo inglês:

[...] Marcuse acredita que uma recuperação do inconsciente proporciona um meio poderoso para a crítica social radical; para Marcuse, isso ocorre porque a psicologia do ego aceita o mundo como ele é. Voltando aos instintos, no sentido freudiano desse termo, podemos mostrar mecanismos de repressão e podemos também dar um conteúdo à promessa emancipatória da modernidade. (GIDDENS, 1993, p.182).

Na visão de Freud (2010) a felicidade é um valor cultural. A felicidade deve estar subordinada à disciplina do trabalho como ocupação integral, à disciplina da reprodução monogâmica, ao sistema estabelecido de lei e de ordem. Em suma é uma felicidade disciplinada, uma forma de moralidade, contudo, para Freud (2010) e Marcuse (1968) ela está ligada intimamente ao desenvolvimento do sentimento de culpa. Em tempos modernos ser feliz é estar inserido na sociedade do consumo, desfrutando dos avanços proporcionados pela civilização. Nesse nível, Marcuse (1968) entende que Freud estabelece uma correlação entre o progresso e o crescente sentimento de culpa.

Segundo Marcuse (1968) o progresso da civilização é pago com a perda de felicidade, através da intensificação do sentimento de culpa. Seguindo a hipótese de Freud a pré-história desse sentimento de culpa tem sua origem no complexo de *Édipo* e foi contraído quando o pai foi assassinado pelo conluio dos irmãos. O amor pelo pai morto gerou remorso nos filhos criando o superego por identificação. Dessa forma, à medida que o pai – filogênese – é multiplicado, suplementado e substituído pelas autoridades da sociedade, ao passo que as proibições e inibições que se propagam crescem por parte da sociedade a necessidade de fortalecimento de suas defesas – a necessidade de reforçar o sentimento de culpa. A defesa revigorada contra a agressão é necessária, mas, para que seja eficaz a defesa contra a agressão ampliada teria que fortalecer os instintos sexuais, pois, somente um *Eros* forte pode efetivamente sujeitar os instintos destrutivos. Em suma, de acordo com Marcuse (1968, p. 85) a nossa civilização em termos genéticos está fundada na supressão dos instintos.

Se nossa civilização valoriza acima de tudo progresso no trabalho, quer dizer, trabalho para o agenciamento e ampliação das necessidades da vida, isso traz consequências traumáticas no desenvolvimento da personalidade neurótica. Segundo Marcuse (1968) como não existe um instinto de trabalho original a energia requerida para o trabalho (desagradável) é retirada dos instintos primários – dos instintos sexuais e destrutivos. Ainda, mesmo os instintos especificamente sociais - como as relações afetivas entre pais e

filhos, os sentimentos de amizade e os laços emocionais do casamento - contêm impulsos que são sustados por meio de uma resistência interna, na consecução de seus anseios, somente em virtude da renúncia desses impulsos, tornam-se sociáveis. A principal esfera da civilização aparece-nos como a esfera de sublimação. Mas, a sublimação envolve dessexualização. Retomando, Freud (2010) e Marcuse (1968) lembram que após a sublimação, o componente erótico deixa de ter o poder de subjugar a totalidade dos elementos destrutivos que estavam previamente combinados com ele, liberando-os na forma de inclinações para a agressão e destruição.

Pode-se questionar a hipótese de Marcuse (1968), afinal contra ele, podemos argumentar que nem todo trabalho é desagradável, labuta, ou, renúncia, ao contrário em grande medida é uma utilização dos impulsos agressivos a serviço de *Eros*. Porém, segundo o filósofo alemão o trabalho que criou e ampliou a base material da civilização foi principalmente a labuta, o trabalho alienado, penoso e desagradável. Em uma frase poderíamos dizer que o progresso da civilização se dá por meio da exploração das energias do corpo humano.

A contínua sublimação exigida pela cultura repressiva enfraquece e debilita o *Eros*, o construtor através da dessexualização da vida liberando assim os impulsos destrutivos e agressivos. Na ótica de Giddens (1993, p. 182) “[...] as mudanças conceituais-chave são a divisão da repressão básica e excedente e a adição do princípio de realização ao princípio de realidade”. Já para Marcuse (1968, p. 90) na estrutura total da personalidade reprimida, a mais-repressão é aquela parcela que constitui o resultado de condições sociais específicas, mantidas no interesse específico da dominação. Nesse caso a crítica se dirige ao capitalismo tardio e a sociedade do consumo. A vida domesticada.

Demarcando os estranhamentos entre os autores, Giddens (1993, p.184) considera que na opinião de Marcuse, não conseguiu Freud perceber que a progressão para a sexualidade genital é uma restrição nas possibilidades de prazer impostas pela ordem social moderna. A tirania genital seria resultado do fato de que a libido tem sido despojada das partes do corpo necessárias à

participação no trabalho industrial. Desse modo, as três fontes de sofrimento que se refere Freud (2010) em *O mal-estar na cultura* pelo menos a primeira e a última são em sentido estrito fontes históricas; a superioridade da natureza e a organização das relações sociais sofreram alterações essenciais no desenvolvimento da civilização. Seria preciso então radicalizar Freud, ou seja, mostrar que aquilo que ele chamava de características da civilização em geral são, na verdade, específicas da ordem moderna.

De acordo com Marcuse (1968) a teoria de Freud concentra-se no ciclo recorrente de dominação-rebelião-dominação. Isto tanto em nível filogenético, quanto, ontogenético. Desde o pai primordial, através do clã fraterno, até o sistema de autoridade institucionalizada que é característico da civilização moderna, a dominação tende a se tornar cada vez mais racional, eficaz e produtiva. Administrativa. A dominação é procedida por outra ainda mais efetiva.

Novamente, Giddens (1993) observa que Marcuse descreve como sendo a família monogâmica-patriarcal uma forma social em que há um excedente de repressão. Entretanto, concentra grande parte de sua atenção principalmente na repressão excedente no contexto do local de trabalho. Segundo Marcuse (1968) historicamente a redução de *Eros* à sexualidade procriativa e monogâmica (que completa a sujeição do princípio do prazer ao da realidade) só é consumada quando o indivíduo se converteu num sujeito-objeto de trabalho no mecanismo da sociedade.

A história se repete como um ciclo quase sem fim de dominação. No nível individual, a revolta primordial está contida na estrutura de conflito normal do *Édipo*, no desenvolvimento traumático da personalidade neurótica. E no nível social, Marcuse (1968) adverte que todas as rebeliões, as revoluções recorrentes seguiram-se de contra-revoluções e restaurações. Desde as revoltas de escravos no Mundo Antigo chegando à revolução social do nosso tempo, a luta dos oprimidos culminou no estabelecimento de um novo e melhor sistema de dominação; o progresso teve lugar através do aperfeiçoamento da cadeia de controle. De acordo com Marcuse (1968) o que

está em jogo nessa dinâmica é um elemento de autoderrota, pois, todas as revoluções um dia também foram revoluções traídas.

Diante disso, de acordo com Marcuse (1968) poderíamos dizer que em todas as relações amorosas na qual se luta contra a dominação, a posse do corpo do outro, o ciúme, a ira, aquele momento que o amor – expressão utilizada de forma quase etérea – poderia sair vitorioso passa sendo procedida por uma forma de poder que visa o adestramento da vida em prol da dessexualização. Criando uma espécie de bolha que protege contra as ameaças do mundo externo, o casal passa a viver um cotidiano dependente. Em termos psicológicos, o sentimento de culpa elucida a seguinte dinâmica sociológica, a identificação dos que se revoltam com o poder contra qual se revoltam.

A figura do pai que outrora limitado à família patriarcal e relegado à autoridade biológica individual ressurgiu mais poderoso na administração que preserva a vida da sociedade e nas leis que salvaguardam a administração. Liberdades e gratificações se convertem em instrumento de repressão. Entretanto, Marcuse (1968) lança uma aposta dizendo que a cultura da civilização industrial converteu o organismo humano num instrumento cada vez mais sensível, diferenciado e permutável e criou uma riqueza social suficientemente grande para transformar esse instrumento num fim em si mesmo. Os recursos existentes e disponíveis facilitam uma transformação qualitativa nas necessidades humanas. A racionalização e mecanização do trabalho tendem a reduzir o *quantum* de energia instintiva canalizada para labuta, libertando assim, a energia para a consecução de objetivos fixados pelo livre jogo das faculdades individuais. Como diz Giddens (1993), na perspectiva de Marcuse (1968) a destruição do trabalho alienado vai liberar repressão excedente e também reconectar o instinto de morte com as fontes de prazer sexual. A liberação do trabalho pesado permite a re-erotização não apenas do corpo, mas da natureza, uma nova dimensão erótica de prazer alinhado a normas de felicidade e apreciação estética.

Com a transformação da sexualidade em *Eros*, os instintos de vida desenvolvem a sua ordem sensual, enquanto a razão se torna sensual até o

ponto em que compreende e organiza a necessidade em termos da proteção e do enriquecimento dos instintos de vida. A razão repressiva dá lugar a uma nova racionalidade de gratificação, para onde convergem a razão e felicidade. (GIDDENS, 1993, p.185).

Se de um lado, a civilização tem que se defender contra o espectro de um mundo que possa ser livre, fortalecendo novas formas sofisticadas de dominação; de outro, Marcuse (1968) diz que, no sentido das relações sexuais “[...] hoje comparada com o período vitoriano à liberdade sexual aumentou indiscutivelmente” (MARCUSE, 1968, p. 95). Em suas relações eróticas os indivíduos respeitam seus compromissos – com charme, com romance, com seus comerciais favoritos. Com efeito, mudanças decisivas estão sendo sentidas no terreno afetivo. Elas afetam a própria estrutura do superego, assim como o conteúdo e a manifestação do sentimento de culpa, Marcuse (1968) entende que elas parecem preparar o material e o conteúdo para um novo princípio de realidade.

Finalmente, com o superego se desprendendo da sua origem, e a experiência traumática do pai sendo superada por imagens exógenas. E, na medida em que a família torna-se cada vez menos decisiva em dirigir à adaptação do indivíduo à sociedade, o conflito entre pai-filho também deixa de constituir o conflito modelo. A abolição tecnológica do indivíduo está refletida no declínio da função social da família. Anteriormente, era a família quem, para o bem, ou, para o mal, criava e educava o indivíduo; e as normas e valores dominantes eram transmitidos pessoalmente e transformados por meio do destino pessoal. As novas gerações – unidades de gênero – através da luta com o pai e a mãe, como alvos pessoais de amor e agressão ingressaram na vida social com impulsos, ideias e necessidades que eram, em grande parte, cada um dos jovens, de modo que, a organização repressiva dos instintos parece ser coletiva, e o ego parece ser prematuramente socializado por um todo, um sistema de agentes e agências extrafamiliares. Ainda, no nível pré-escolar, as turmas, o rádio e a televisão fixam padrões para a conformidade e a rebelião; os desvios de padrão são punidos não tanto na família, mas, fora e contra a família.

Segundo Marcuse (1968, p. 97) as imagens que antes orientavam o desenvolvimento do superego tornam-se despersonalizadas. O poder assumiu o anonimato. Continua o autor dizendo, anteriormente, o superego era alimentado pelo senhor, o chefe, o diretor, o patrão. Estes representavam o princípio de realidade em sua personalidade tangível: implacáveis e benévolos, cruéis e reconhecidos, provocavam e puniam o desejo de revolta; a imposição da conformidade. Com a racionalização do mecanismo produtivo, com a multiplicação de funções toda a dominação assume a forma de administração. O sofrimento, a frustração, a impotência do indivíduo derivam de um sistema funcionando. Ironicamente, diz Marcuse (1968), o impulso agressivo mergulhado no vácuo, ou, melhor, o ódio encontra-se com sorridentes colegas, atarefados concorrentes, etc. Por consequência, o homem é mantido num estado de empobrecimento cultural e físico, a culpa existe como culpa coletiva é a aflição de um sistema institucional que desperdiça e detém os recursos materiais e humanos a sua disposição. A culpa não é da supressão, mas, do suprimido.

Considerações finais

Retomando a pergunta de Freud, afinal, porque os afetos em geral e, as relações amorosas, em particular, são fonte de sofrimento? E a hipótese principal deste ensaio é que as relações amorosas são geridas pela forma da economia-política. O capitalismo no qual vivemos têm procurado, historicamente, além de disciplinar os nossos corpos em prol de nos tornar úteis e dóceis ao trabalho, também gerenciar nossos desejos e administrar nossos prazeres.

No caso das relações amorosas, em particular, da vivência íntima do casal que, inclui tanto, o domínio da sexualidade, quanto, da identidade, trata-se da forma como o sujeito procura exercer sua própria liberdade não sendo passional, ou, reativo nessa relação de poder. Em tempos modernos a economia se sobrepôs à esfera da política. Isso significa que as próprias relações afetivas estão sobre o julgo implacável do poder da mercadoria, sendo um objeto de troca.

Em *Mínima Moralía*, Adorno (1951) oferece-nos alguns vestígios para pensarmos essa relação entre amor e posse. Para o autor a literatura já se ocupou de muitos problemas relacionados às relações amorosas, os conflitos existenciais, os vínculos secretos, mas, deixou escapar algo tão óbvio e, tão trivial, é a ordem cronológica que está submetida. Essa ordem cronológica abstrata desempenha um papel na hierarquia dos sentimentos. A prioridade dessa casualidade tem fortes razões do seu lado: quando se dá preferência a uma nova pessoa, faz-se sempre mal à outra, na medida em que todo um passado de vida em comum é anulado, toda uma experiência é riscada. A irreversibilidade do tempo fornece um critério moral objetivo, a pessoa que veio primeiro sempre irá partilhar um vínculo indissolúvel com a outra.

O medo da mulher que ama de ser deixada pelo outro, de outra pessoa atrair para si o amor e o carinho impulsiona-a para a busca da exclusividade. Um terceiro elemento é sempre visto como perigoso. O amor entre o casal, diz Freud (2010), é um relacionamento entre duas pessoas em que uma terceira pessoa só pode ser supérflua ou perturbadora. Para Adorno (1951) isso ocorre porque o próprio conceito de tempo se formulou, historicamente, tendo como ordenação básica à propriedade. Uma vez transformada em uma posse, a pessoa amada, a rigor, não é olhada mais com atenção. A abstração no amor é o complemento da exclusividade, que se manifesta de maneira ilusória como o contrário da abstração, como o apego ao ente único. Essa fixação deixa escapar seu objeto precisamente por fazer dele um objeto para si, reduzindo-o à condição de pessoa minha. Assim,

[s]e os homens já não fossem uma posse, deixariam de ser também objecto de troca. O verdadeiro afecto seria aquele que se dirige ao outro de modo específico, que se fixa nos traços preferidos e não no ídolo da personalidade, reflexo da posse. (ADORNO, 1951, p. 78).

Uma afeição que não estivesse imbuída desse preceito de propriedade não precisaria temer a infidelidade, porque estaria imune à falta de fidelidade. O critério objetivo da ordem cronológica molesta nossa liberdade.

O cantor e compositor brasileiro, Caetano Veloso, tem uma canção muito interessante sobre o amor, intitula-se *Chuvas de Verão* (1969):

*Podemos ser amigos simplesmente
Coisas do amor nunca mais
Amores do passado, no presente
Repetem velhos temas tão banais
Ressentimentos passam com o vento
São coisas de momento
São chuvas de verão
Trazer uma aflição dentro do peito
É dar vida a um defeito
Que se extingue com a razão
Estranha no meu peito
Estranha na minha alma
Agora eu tenho calma
Não te desejo mais
Podemos ser
Amigos simplesmente
Amigos, simplesmente
E nada mais*

Para o compositor, é o ressentimento do passado, dos amores perdidos que gera o sofrimento nas pessoas. Ficar preso a uma pessoa, exigir exclusividade do amor, obter a qualquer preço a posse do outro nos leva a um mar de sofrimento sem fim. O ressentimento deve passar, ou do contrário, se mantermos como Johan e Marianne corremos o risco de machucar quem amamos. Afinal, mesmo separados o amor ainda continua, a atração é inevitável.

Se voltarmos nossa atenção ao pensamento de Marcuse (1968) perceberemos o quanto nossa civilização domestica nossos desejos, administra nossos prazeres. Ninguém é livre quanto ao desejo, nem homem, nem mulher, nem gay. Estamos todos no mesmo barco, num mar tempestuoso, presos a uma lealdade terrível.

Referências.

ADORNO, T. W. *Mínima Moralía*. Lisboa: Edições 70, [s/d].

BERGMAN, I. *Cenas de um casamento Sueco*. Trad. Jaime Bernardes. Rio de Janeiro-RJ: Nórdica, 1973.

CENAS de um casamento . Cineasta/diretor Igmarr Bergman. Produtor: Björn Thulin. Suécia, SWE: Versátil Home Vídeoo, 1973. 2 discos *dvd* (299 min).

FREUD, S. *Mal-estar na civilização*. Trad. Paulo Sérgio de Souza. [s/d]

FREUD, S. *O mal-estar na cultura*. Trad. Renato Zwick. Porto Alegre- RS: L&PM, 2010.

GIDDENS, A. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Editora Unesp, 1993.

MARCUSE, H. *Eros e Civilização*. Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro-RJ: Zahar, 1968.

TAYLOR, C. *As fontes do self: a construção da identidade moderna*. 2ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

VELOSO, C. E. V. T. Chuvas de Verão. *Samba Canção006F*. Compositor: Fernando Lobo, c 1969. (02:51).

Submetido em: 29/11/2019

Aceito em: 27/04/2021

Publicado em: 11/10/2021